

20/5/1984

Colhedores de laranja comemoram acordo

São Paulo — Aos gritos de "ganhamos, ganhamos", os colhedores de laranja de Bebedouro, a 400 km desta cidade, comemoraram o acordo firmado no início da madrugada de ontem entre citricultores, fabricantes de sucos e sindicatos de trabalhadores rurais (de Bebedouro e Barretos). Pelo acordo, o pagamento pela caixa de laranja colhida subiu de Cr\$ 60 para Cr\$ 210. O Município estava em greve desde quarta-feira.

O acordo estabeleceu que os empreiteiros de mão-de-obra deverão registrar todos os empregados: que os dias de chuva serão pagos com base na média de produção semanal do bóia-fria; que os trabalhadores deverão assinar um recibo, na hora do pagamento semanal ou quinzenal; e que terão direito a descanso semanal remunerado. Esse descanso, equivalente a Cr\$ 24 por caixa, está incluído nos Cr\$ 210, assim como as parcelas correspondentes a férias, 13º e indenização, que é de Cr\$ 14 por caixa.

Até crianças

Não ha números exatos relativos à quantidade de bóias-frias que trabalham em Bebedouro, na colheita de laranja, de maio a dezembro. O presidente do Sindicato Rural, José Nunes do Nascimento, garante que eles são 10 mil dos quais 5 mil sindicalizados. O advogado do Sindicato afirma que são 30 mil, 6 mil dos quais sindicalizados. O Prefeito Sérgio Sessa Stamato (PDS) diz que eles são 6 mil.

Os bóias-frias, já a partir dos nove anos de idade, sobem nos caminhões dos gatos — empreiteiros ou subempreiteiros de mão-de-obra — para ir aos pomares. "A gente nasce e morre na roça", diz Marilza, 13 anos, e que desde os oito trabalhou na colheita. A média de produção diária das crianças é de 20 caixas; a das mulheres, entre 40 e 45 caixas; a dos homens, entre 60 e 70 caixas.

Com o final da colheita, os trabalhadores volantes são empregados nos serviços de capina dos pomares no roçado, ou migram para outras cidades, para trabalhar nas culturas de amendoim e algodão. Sônia Mateus, 25 anos (tem apenas um braço), trabalha desde os oito anos na colheita de laranjas. Este ano, ela e o marido Roberto, de 20 anos, ganharam Cr\$ 40 por pé de laranja e juntos conseguiram carpir 60 pés por dia. Os dois colhem, em média, 80 caixas de laranja/dia.

O dia do colhedor de frutas começa antes do nascer do sol, por volta das 5h, quando se levantam para preparar a marmita. Depois, se dirigem para "pontos determinados" de seus bairros, à espera da chegada dos caminhões dos gatos. Quando chovia, não havia colheita — as laranjas molhadas apodrecem mais depressa — e eles não ganhavam.

Dificuldades

Não há hora para voltar dos pomares, pode ser às 17h ou até as 21h. Tudo depende do volume de trabalho. Se o caminhão quebra na estrada — o que é comum acontecer, garantem — o horário de volta pode ser bem depois das 21h.

A média de 60,70 caixas/dia é exigida pelas empreiteiras de mão-de-obra, contratadas pelas indústrias na época da colheita. Se o trabalhador render menos ele é dispensado. Por isso, é comum um trabalhador subir nos caminhões acompanhados de um ou mais membros da família.

Este é o caso de Neide Mateus Pacheco e do marido Durval Pacheco. Com sete filhos, o mais novo com cinco meses, o casal mora no quarto de um cortiço, na Rua Projetada B, no Bairro de Vila Terezinha, em Bebedouro. Pagam Cr\$ 20 mil de aluguel. Na última semana, não tinham o que comer, e o bebê de cinco meses. Viviane, tentava sugar o seio quase seco de Neide. "Quando não dá para trabalhar, o Durval leva a Rosemary, nossa filha de 13 anos". Os dois juntos conseguiam ganhar, antes do aumento decidido ontem, Cr\$ 20 mil por semana. Neide já pensa, inclusive, em tirar a filha Rosângela, de 11 anos, da escola, para que ela comece a trabalhar nos pomares.

A economia de Bebedouro — 85% dela — gira em torno da citricultura, de acordo com o Prefeito Sérgio Stamato. Com 29 mil alqueires, o município tem um orçamento previsto para 84 de Cr\$ 2 bilhões 932 milhões e uma arrecadação de ICM de Cr\$ 2 bilhões 52 milhões.

Com 60 mil habitantes, Bebedouro abriga duas das maiores indústrias esmagadoras de laranja de São Paulo: a Cargil e a Frutesp, que, juntas, moem 47 milhões de caixas por ano (a capacidade do Estado é de 220 milhões de caixas), e que geram 3 mil empregos diretos. Ano passado, elas faturam 160 milhões de dólares.

SÓNIA CARVALHO

(Página 18)